

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*

Fragments of Women's Lives: Mobilities and Borders between the *Recolhimento do Anjo* and the *Recolhimento das Órfãs do Porto* (1672-1800)

Fragments de vies féminines : Mobilités et frontières entre le *Recolhimento do Anjo* et le *Recolhimento das Órfãs do Porto* (1672-1800)

Fragmentos de vidas femeninas: Movilidades y fronteras entre el *Recolhimento do Anjo* y el *Recolhimento das Órfãs do Porto* (1672-1800)

Rita Ferreira Costa
Faculdade de Letras, Universidade do Porto
ritaferreiracosta16@gmail.com

Resumo: Desenvolvidos para albergar mulheres em condição de vulnerabilidade - pelo afastamento temporário do elemento masculino, orfandade ou viuvez - os recolhimentos femininos, espaços de clausura sem a necessidade de professar votos religiosos, proliferaram durante a época moderna em Portugal. Na cidade do Porto, surgiram cinco espaços desta natureza, entre os séculos XVII e XIX. O *Recolhimento do Anjo* e o *Recolhimento das Órfãs*, instituições com o mesmo objetivo – preservar a honra social feminina –, embora com administrações distintas, são exemplos que ilustram a presença de fronteiras sociais, de distinção e seleção do público feminino que ampararam. Porém, o entrecruzamento de mulheres de diferentes condições sociais, os exemplos de solidificação de algumas carreiras dentro destes espaços e até mesmo as redes de sociabilidade estabelecidas entre os mesmos e instituições conventuais, nomeadamente a Norte de Portugal, demonstram a permeabilidade das aparentes fronteiras existentes em instituições de clausura. Deste modo, este artigo pretende explorar a permeabilidade e mobilidade dos recolhimentos femininos, através da aplicação de uma metodologia comparativa que permita analisar alguns retalhos de vida de mulheres recolhidas.

Palavras-chave: clausura; honra; mulheres; recolhimentos; Porto.

Abstract: Developed to shelter women in vulnerable life conditions due to temporary separation from the male element, orphanhood or widowhood - women's retirement houses (*recolhimentos*), cloistered spaces without the need to take religious vows, became widespread in Portugal during the early modern period. There were five places in Porto between the 17th and 19th centuries. The *Recolhimento do Anjo* and the *Recolhimento das Órfãs*, institutions with the same objective – to preserve female social honor – albeit with different administrations, are examples of the existence of social boundaries, the distinction and the selection of the female public they

* O presente artigo corresponde às principais conclusões da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Mulheres (in)visíveis na cidade do Porto: uma análise comparativa entre o Real Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo e o Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança (1672-1800)”, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em novembro de 2024.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

supported. However, the intersection of women from different social backgrounds, the examples of the consolidation of some careers in these spaces and even the networks of sociability that formed between them and convents, particularly in the north of Portugal, show the permeability of the apparent boundaries existing in cloistered institutions. The aim of this article is therefore to explore the dimension of permeability and mobility in women retirement houses, using a comparative methodology that has allowed us to analyze some fragments of the lives of women that were sheltered in these spaces.

Keywords: cloister; honor; women; retirement houses; Porto.

Resumen: Desarrollados para albergar a mujeres en condiciones de vulnerabilidad - por alejamiento temporal del elemento masculino, orfandad o viudedad -, los *recolhimentos* femeninos, espacios de clausura sin necesidad de profesar votos religiosos, proliferaron durante la Edad Moderna en Portugal. En la ciudad de Porto hubo cinco espacios de este tipo entre los siglos XVII y XIX. El *Recolhimento do Anjo* y el *Recolhimento das Órfãs*, instituciones con el mismo objetivo - preservar el honor social femenino - aunque con administraciones diferentes, son ejemplos que ilustran la presencia de fronteras sociales, distinción y selección del público femenino al que apoyaban. Sin embargo, la mezcla de mujeres de diferentes orígenes sociales, los ejemplos de solidificación de algunas carreras dentro de estos espacios e incluso las redes de sociabilidad establecidas entre ellas y las instituciones conventuales, sobre todo en el norte de Portugal, demuestran la permeabilidad de las aparentes fronteras existentes en las instituciones de clausura. El objetivo de este artículo es, por tanto, explorar la dimensión de la permeabilidad y de la movilidad en esas instituciones, aplicando una metodología comparativa que nos ha permitido analizar algunos fragmentos de la vida de las mujeres que habitaron estos espacios.

Palabras clave: claustro; honor; mujeres; *recolhimentos*; Porto.

Résumé: Conçues pour accueillir les femmes en situation de vulnérabilité - en raison de l'éloignement temporaire de l'élément masculin, de l'orphelinat ou du veuvage - les *recolhimentos* féminines, espaces cloîtrés sans obligation de professer des vœux religieux, ont proliféré au cours de la période moderne au Portugal. Dans la ville de Porto, il y a eu cinq centres de ce type entre le 17^e et le 19^e siècle. Le *Recolhimento do Anjo* et le *Recolhimento das Órfãs*, institutions ayant le même objectif - préserver l'honneur social des femmes - bien qu'ayant des administrations différentes, sont des exemples qui illustrent la présence de frontières sociales, la distinction et la sélection du public féminin qu'ils soutenaient. Cependant, le brassage de femmes issues de milieux sociaux différents, les exemples de consolidation de certaines carrières dans ces espaces et même les réseaux de sociabilité établis entre elles et les institutions conventuelles, en particulier dans le nord du Portugal, démontrent la perméabilité des frontières apparentes existant dans les institutions cloîtrées. L'objectif de cet article est donc d'explorer la dimension de la perméabilité et de la mobilité dans les retraites féminines en appliquant une méthodologie comparative qui nous a permis d'analyser quelques fragments de la vie des femmes qui ont vécu dans ces institutions.

Mots-clés: cloîtres; honneur; femmes; *recolhimentos*; Porto.

1. Introdução

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

O presente artigo divulga alguns dos resultados da aplicação de uma metodologia comparativa para o estudo das dinâmicas de transição, entre o século e a clausura, de duas instituições portuenses – o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança. Apesar da sua natureza quantitativa, explorando tendências temporais na longa duração e traçando o perfil social das recolhidas, a metodologia desenvolvida e aplicada permitiu esboçar alguns retalhos de vidas destas mulheres, nunca perdendo de vista a importância da dimensão qualitativa do trabalho. É exatamente sobre esta que este artigo se debruça, ainda que não deixe de apresentar, quando pertinente, dados quantitativos que corroboram as dinâmicas exploradas. Os resultados revelam as diversas facetas que os recolhimentos portuenses assumiram, sendo estas instituições observatórios de excelência para analisar as mulheres recolhidas enquanto seres sociais ativos e objetos de estudo na História (Costa, 2024).

Ainda que os finais do século XX e inícios do XXI se destaquem pelo desenvolvimento dos estudos das mulheres e de género, através dos trabalhos de Simone de Beauvoir (1949), Michelle Perrot (1984,1998), Joan Scott (1988), Louise Tilly (1994) e os estudos de outras autoras refletem a abrangência do conceito de “género”. Reportamo-nos aos trabalhos de Irene Vaquinhas (2019) e Maria Antónia Lopes (1989). De acordo com a abordagem dos estudos mencionados, o “género” não limita as mulheres à sua biologia. Pelo contrário, coaduna-se com contextos específicos, que influenciam os comportamentos femininos, demonstrando a aplicabilidade desta noção enquanto categoria de análise social na História.

Enquanto objeto de estudo, a historiografia reconheceu apenas recentemente a pertinência científica do estudo das mulheres institucionalizadas em recolhimentos. Vejam-se os trabalhos para Braga (Araújo, 2007, 2009), Bragança (Fonseca, 2013), Coimbra (Lopes, 2005, 2023), Évora (Liberato, 2004), Lisboa (Coates, 1998; Reis, 2004; Almeida, 2012), Viana do Castelo (Magalhães, 2011) e Guimarães (Fernandes, 2022). Destacam-se, evidentemente, os trabalhos relacionados com os recolhimentos portuenses (Basto, 1943; Jesus, 2005), nomeadamente o Recolhimento do Anjo (Jesus, 2006, 2022) e o Recolhimento das Órfãs (Ferreira, 1979). Por isso, abordar o aparecimento dos recolhimentos femininos durante a época moderna é também indagar sobre dois conceitos de suma importância, a “pobreza” e a “assistência”.

Absolutamente polissémico, a intemporalidade do primeiro conceito não permite delinear fronteiras estanques entre um “pobre” e um “não-pobre” (Lopes, 2010). Todavia, facto é que a existência de mulheres em condição de vulnerabilidade acentuava o risco de pobreza

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

moral (Sá, 2000), corrompendo, por vezes, a honra feminina e a do respetivo núcleo familiar (Osswald, 2015). Durante a Contrarreforma, o reforço do casamento enquanto sacramento (Paiva, 2014) influenciou as questões relacionadas com a vida privada das populações, designadamente a sexualidade. A inculcação de uma gramática de comportamentos lícitos e ilícitos nos indivíduos foi também fundamental para a promoção do autocontrolo nas ações (Foucault, 1994), assumindo o núcleo familiar uma preponderância essencial na vida das mulheres (Lopes, 2017).

Sem fugir à regra, a sociedade portuense era baseada no valor da “honra”, capital simbólico transversal a homens e mulheres, mas que comportava diferentes significados e exigia posturas distintas, dependendo do sexo do indivíduo e da respetiva posição social (Farge, 1990). As mulheres, interpretadas enquanto seres biológica e intelectualmente inferiores (Grieco, 1993; Hespanha, 1995; Leão, 2020) eram vistas como perigosas e lascivas (Lopes, 2017), cujos comportamentos desviantes à norma social podiam arruinar este atributo e do respetivo núcleo familiar (Crampe-Casnabet, 1991). Por este motivo, o desamparo feminino representava um risco, não apenas para as mulheres, mas também para quem as rodeava. Os seus comportamentos necessitavam de vigilância constante, surgindo os recolhimentos enquanto estruturas integradas num sistema de assistência baseado na caridade de instituições religiosas ou de particulares (Carasa, 2017). As ações caritativas perante os mais vulneráveis, entre os quais as mulheres, eram, assim, um meio para a salvação da alma (Torremocha & Ruiz, 2013).

Os trabalhos referentes à assistência em Portugal, respeitantes aos agentes caritativos, como as Misericórdias (Basto, 1995-1999; Amorim, 2018), os monarcas (Reis, 2004), os bispos (Paiva, 2004) ou particulares (Gandelman, 2005) em muito impulsionaram o estudo sobre recolhimentos. Também a historiografia espanhola valorizou o papel (in)visível de algumas mulheres, sobretudo enquanto seres socialmente ativos, capazes de tecer redes de sociabilidade e de esboçar os seus destinos, onde o estudo dos recolhimentos coloca a tónica na dinâmica destes espaços (Carasa, 2010). Assim, os recolhimentos enquadram-se em redes assistenciais que responderam a problemas locais, como bem comprova a longa tradição historiográfica espanhola acerca desta temática (Muriel, 1974; Pérez Baltasar, 1985; Marinas, 1993; Sixto Barcia, 2013; Rice, 2019).

Neste trabalho, analisam-se dois espaços – o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs – que partilhavam o mesmo objetivo – preservar a honra social feminina –, mas que tinham administrações distintas. O primeiro foi administrado pelo poder episcopal do Porto sob

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

jurisdição régia, enquanto o segundo se encontrava sob a alçada da Misericórdia local. Pretende-se, pois, compreender se os modelos administrativos influenciaram o modo como estas instituições responderam às necessidades das mulheres que ampararam. Com efeito, se, por um lado, as mulheres são interpretadas enquanto seres inferiores e, principalmente, frágeis quando o elemento masculino se encontrava ausente, as mesmas eram figuras suficientemente centrais para corromper um dos atributos mais importantes do núcleo familiar: a honra. Eram, em simultâneo, figuras marginalizadas, mas com papéis centrais na orgânica e na estrutura familiar da época moderna. É sobre elas que o presente artigo se debruça, demonstrando alguns dos caminhos que muitas traçaram.

2. O Recolhimento do Anjo: fundação e estatutos

Fundado em 1672, por iniciativa privada de D. Helena Pereira, viúva de Gonçalo Borges Pinto, cidadão do Porto e descendente de Paulo Borges Pinto, também cidadão, fidalgo, vereador e procurador na cidade, o Recolhimento do Anjo seguiu um modelo semelhante a outros espaços de clausura. As intenções iniciais da fundadora previam a constituição de um convento de Capuchas descalças, ainda que as suas pretensões tenham sido frustradas. O Recolhimento do Anjo ficou sob proteção régia, da rainha consorte D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. Após a cedência do terreno para construção do espaço, por parte do Senado do Porto, as primeiras recolhidas ingressaram na instituição em 1674. Obedecendo à Regra Terceira de São Francisco e a uma estrutura orgânica que vai de encontro às restantes conhecidas para os espaços portugueses da mesma natureza, D. Helena Pereira assumiu as funções de regente e de administradora¹ da instituição até à data da sua morte, em 1690. Posteriormente, o bispo do Porto ocupou as funções de administrador da instituição, ainda que a mesma estivesse sob jurisdição régia, tal como estabeleciam os estatutos da instituição, aprovados em 1688. A administração do Recolhimento do Anjo foi, pois, uma simbiose entre o poder episcopal e régio, ainda que seja também de notar o papel de relevo do poder local na realização deste projeto (Jesus, 2006).

¹ Os recolhimentos eram possuidores de um documento que regia o quotidiano dentro da instituição – os estatutos. Nesta regra, além de todos os aspetos sobre os comportamentos femininos a adotar pelas recolhidas, ficou também estipulada a estrutura orgânica da instituição. No topo da hierarquia, a regente devia satisfazer ao administrador do espaço, sendo também responsável pelo governo da casa. Seguiam-se outras oficiais e serventes. Veja-se Costa (2024: 93).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

As semelhanças arquitetónicas entre espaços de clausura, como conventos e recolhimentos, são bem conhecidas. Porém, escasseiam as representações acerca do Recolhimento do Anjo. Na verdade, além de alguns relatos sob o aspeto geral do edifício, as gravuras disponíveis dão ênfase à torre e igreja da irmandade dos Clérigos. Arriscamos fazer uma breve síntese da arquitetura do edifício, tendo em conta o contexto de produção da fonte, que remonta aos inícios do século XX. Possuidor de um andar único, provido de paredes lisas, o Recolhimento do Anjo era composto por rodas, locutórios, grades e uma cerca. No interior, havia um claustro com um chafariz no centro (Passos, 1919). Porém, não conseguimos corroborar esta descrição sobre o edifício dado o desconhecimento sobre a existência das plantas concernentes ao espaço. A demolição do mesmo teve lugar em 1837, depois de o espaço ter servido de hospital militar durante o cerco do Porto (1832-1834) (Jesus, 2006), altura em que as recolhidas pediram asilo no Convento de São Bento de Avé-Maria. Conjetura-se, também, a partir da mesma fonte de informação, que a imagem de São Miguel Arcanjo, pertencente ao Recolhimento do Anjo, tenha sido transferida para a posse da Igreja de São José das Taipas, após a demolição da instituição (Passos, 1919)².

3. O Recolhimento do Anjo: perfil social das recolhidas

O Recolhimento do Anjo era destinado a meninas e mulheres de condição nobre, honradas, entre os 12 e os 40 anos, naturais da cidade ou bispado do Porto, fazendo jus à sua nomenclatura de “real”³. Era uma instituição que aplicava o conceito de “pobreza selecionada” ao público que acolhia: mulheres de condição nobre, mas sem meios económico-financeiros para manter a sua condição social sem correr o risco de colocar em causa a sua honra e a do respetivo núcleo familiar. Estas mulheres não tinham rendimentos suficientes para fazer face a um dote de casamento ou de entrada numa instituição conventual. Por isso, os recolhimentos afiguravam-se como uma opção viável.

² É difícil aferir a veracidade desta informação. A Igreja de São José das Taipas possui, efetivamente, no seu núcleo museológico, uma imagem de São Miguel Arcanjo. Porém, a proveniência da mesma é desconhecida. No entanto, não se deixa de cogitar a hipótese desta peça ser um testemunho material do Recolhimento do Anjo do Porto.

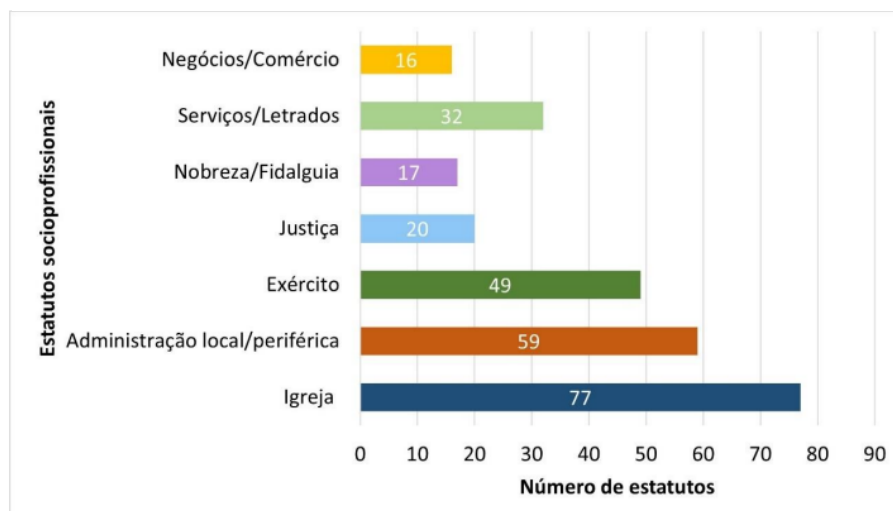
³ Biblioteca Pública Municipal do Porto (doravante BPMP), *Reservados*, Livro dos Estatutos, dos termos de aprovação régia e das admoestações do administrador, 1677-1688, manuscrito 781.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Além disso, o perfil social denuncia mulheres com ligações a homens que exerciam cargos na Igreja (77) e na administração local (59), não descurando a existência de relações sociais presentes no exército (49), tal como demonstra o gráfico 1.

Gráfico 1 - Estatuto socioprofissional das relações sociais das mulheres do Recolhimento do Anjo (1672-1800), em números absolutos



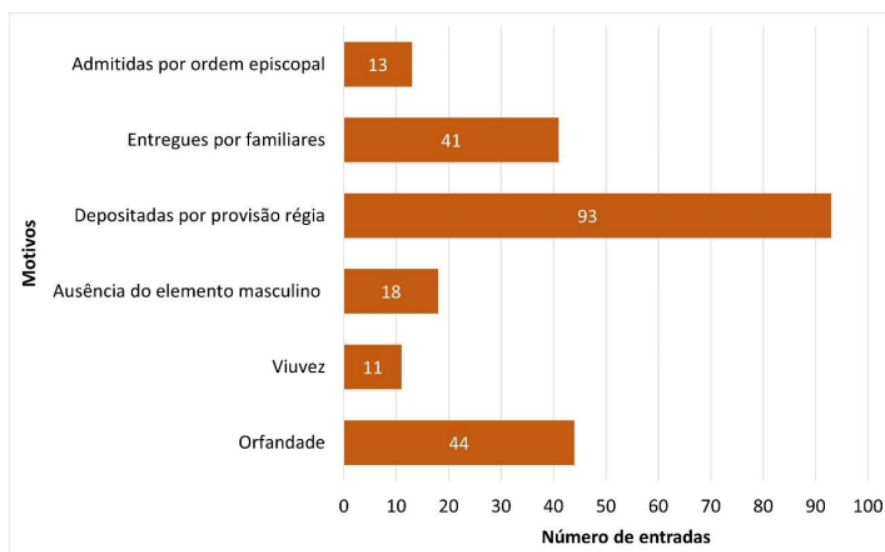
Fonte: adaptado de Jesus (2006, vol. I: 157).

Além disso, parte das relações sociais femininas identificadas no Recolhimento do Anjo era afiliada à Ordem de Cristo, o que representava uma certidão de pureza de sangue destas mulheres, ainda que estas referências sejam pontuais (Jesus, 2006). As motivações de ingresso ajudam também a compreender alguns aspetos essenciais (Gráfico 2).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Gráfico 2 - Motivos de ingresso das mulheres no Recolhimento do Anjo (1672-1800), em números absolutos



Fonte: adaptado de Jesus (2006, vol. I: 157)

Destaque-se o depósito por provisão régia (93) e a entrega de mulheres por familiares (41), que ilustram as considerações tecidas anteriormente sobre o público-alvo deste recolhimento. Contudo, é importante considerar os motivos que levaram ao abandono da instituição e aos destinos tomados por algumas destas mulheres. Este aspeto é fundamental para compreender a permeabilidade das fronteiras, sociais e territoriais, entre os recolhimentos e os conventos, particularmente a Norte de Portugal.

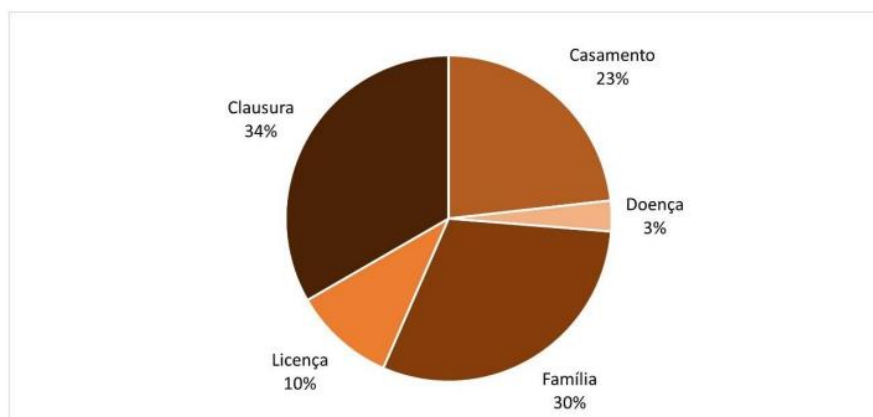
4. O Recolhimento do Anjo: os destinos das recolhidas

Se é verdade que o abandono da instituição para ingressar na companhia da família foi um motivo de saída com peso substancial no Recolhimento do Anjo, o interesse e a especial importância deste tópico materializam-se nas saídas desta instituição para outros espaços de clausura, como conventos e recolhimentos (Gráfico 3).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Gráfico 3 – Motivos de saída do Recolhimento do Anjo (1672-1800), em percentagem



Fonte: adaptado de Jesus (2006, vol. I: 147)

A motivação relacionada com a clausura (34%) é, sem dúvida, aquela que sobressai no leque dos motivos para a saída do recolhimento. Registam-se 28 casos de mulheres que abandonaram o recolhimento para ingressar em instituições conventuais, assim como cinco que saíram do recolhimento do Anjo para ingressar noutros recolhimentos. Ainda que os dados sobre este tema não sejam abundantes, a análise qualitativa permite compreender a existência de redes de sociabilidade em clausura. A Norte de Portugal sobressai a cidade do Porto, com mulheres a entrar no Convento de Madre Deus de Monchique, no Convento de São Bento das Freiras, no Convento de Santa Clara e no Mosteiro de Corpus Christi, em Vila Nova de Gaia. Também o Mosteiro de Arouca, o Convento da Penha, em Braga, e o de São Bento de Bragança são mencionados. Além disso, as regiões de Viseu, com o Convento do Tojal e o Mosteiro de Vairão, em Vila do Conde, são exemplos a mencionar.

Importa atender a alguns exemplos de mulheres que transitaram entre o Recolhimento do Anjo e outras instituições de cariz semelhante. Vitória da Cruz de Meneses ingressou no Recolhimento do Anjo a 20 de maio de 1694 e ocupou o lugar de regente entre 1694 e 1700. A 21 de fevereiro de 1707, saiu do recolhimento para reformar o Recolhimento de São Tiago, em Viana do Castelo, de onde era natural. Levou consigo a sua sobrinha, Antónia, com 31 anos de idade (Jesus, 2006: 14-29). A instituição, destinada a meninas e mulheres órfãs, casadas e viúvas de condição nobre, tinha sido fundada durante o século XVII e era administrada pela Misericórdia local (Magalhães, 2011).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Além de Vitória de Meneses, importa destacar Francisca das Chagas Coutinho, mulher que ingressou no Recolhimento do Anjo a 8 de dezembro de 1697 e que desempenhou o cargo de regente pouco depois de Vitória da Cruz de Meneses, entre 1701 e 1705. Uma década mais tarde, voltou a assumir esta função, entre 1714 e 1716 (Jesus, 2006: 14). Abandonou o espaço para reformar, em conjunto com as suas três irmãs, o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Arrifana de Sousa, atual Penafiel. Era uma instituição destinada a mulheres honradas provenientes de camadas médias-altas da sociedade (Fernandes, 2022). As quatro mulheres – Francisca das Chagas Coutinho, Mariana de São Francisco, Catarina de Jesus e Ângela dos Serafins – abandonaram o Recolhimento do Anjo a 17 de dezembro de 1716. Eram filhas de Jerónimo Teixeira Cabral e de Maria de Lemos e Vasconcelos, todos naturais da freguesia de São João Batista de Miomães (Jesus, 2006: 38-39). Em Arrifana de Sousa, Francisca assumiu o cargo de regente da instituição, Mariana desempenhou o papel de provisora, Ângela de vice-regente e Catarina de porteira (Fernandes, 2022). Os cargos de oficiais da instituição foram delegados a quatro irmãs que, em conjunto, governaram o espaço.

Não obstante, dentro dos recolhimentos, houve também exemplos de mulheres que fizeram carreira na estrutura orgânica destes espaços. Evidenciamos uma outra faceta destas instituições: espaços de permanência para quem não podia ter, ou não desejava ter, outro destino. Além das mulheres mencionadas, o Recolhimento do Anjo notabilizou-se por possuir uma série de recolhidas que, paulatinamente, ocuparam os cargos de governo da casa, ascendendo na estrutura orgânica da instituição. Helena de Jesus desempenhou a função de vice-regente do Recolhimento do Anjo entre 1701 e 1703 e entre 1706 e 1710, tendo-se tornado regente até 1711. O mesmo cenário sucedeu com D. Luísa de Santo António, vice-regente em 1705 e regente entre 1717 e 1727.

Também os casos de D. Luísa Maria Pereira e de Teresa Angélica de São Bernardo evidenciam a permeabilidade das fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs. A primeira, natural da cidade de Braga, da freguesia de São Tiago da Cividade, ingressou pela primeira vez no Recolhimento do Anjo a 18 de março de 1719, abandonando em maio de 1731 o espaço para ser a primeira regente do Recolhimento das Órfãs, com 40 anos de idade⁵. Em conjunto, Teresa Angélica de São Bernardo, de 18 anos, natural da rua dos Mercadores do Porto, abandonou o Recolhimento do Anjo para ocupar a função de primeira

⁵ Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto (doravante AHSCMP), livro 2794, fls. 2-3.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

mestra no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança⁶. Contudo, a estadia destas primeiras oficiais não foi longa, pelo que ambas se ausentaram dois anos depois, em 1733, entrando de novo no Recolhimento do Anjo (Jesus, 2006: 44-46). Entre 1751 e 1757, D. Luísa Maria Pereira acabou por ocupar o cargo de regente, desta vez no Recolhimento do Anjo (Jesus, 2006: 15).

Não podemos deixar de fazer um breve apontamento sobre a segunda regente do Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança. D. Mariana Rosa Josefa de Jesus, de 50 anos, era proveniente do Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Arrifana de Sousa⁷. Permaneceu na função cerca de trinta anos, até ao seu falecimento, em 1762⁸. As considerações tecidas refletem e materializam a mobilidade na hierarquia interna de instituições desta natureza, demonstrando exemplos significativos de mulheres que construíram e progrediram na carreira governativa dos recolhimentos.

5. O Recolhimento das Órfãs: fundação e estatutos

Contrariamente às motivações apresentadas para a fundação do Recolhimento do Anjo, o das Órfãs apresenta características fundacionais e administrativas distintas. A 28 de agosto de 1718 faleceu o padre Manuel Passos de Castro, tesoureiro-mor da Colegiada de Cedofeita, deixando por testamenteiros Dionísio Botelho Pereira d'Almeida, chantre da colegiada, e António Pacheco Pereira, licenciado. A cláusula apresentada no seu testamento afirmava que o remanescente do seu legado devia ser aplicado numa obra de caridade, da responsabilidade dos testamenteiros. O Recolhimento das Órfãs do Castelo, em Lisboa, tinha sido fundado no século XVII, pelo que os referidos homens propuseram à Santa Casa da Misericórdia do Porto a fundação de uma instituição com o mesmo propósito: amparar meninas órfãs. A proposta, aceite pela irmandade portuense, desencadeou a necessidade de escolher um espaço para a construção da obra. Curiosamente, o primeiro pedido, indeferido, almejava a construção do Recolhimento das Órfãs na alameda da Cordoaria, junto ao Recolhimento do Anjo. O segundo local de preferência foi São Lázaro, em terrenos que pertenciam à Misericórdia do Porto. Os estatutos datam de 1725, tendo as primeiras recolhidas ingressado em maio de 1731 (Ferreira, 1979).

Ao contrário do cenário traçado para o Recolhimento do Anjo, as plantas respeitantes ao Recolhimento das Órfãs do Porto datam do século XIX. A par da edificação do

⁶ AHSCMP, livro 2794, fls. 3-4.

⁷ AHSCMP, livro 2794, fls.19-19v.

⁸ AHSCMP, livro 2794, fl. 56.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n° 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

recolhimento, decorreu, a partir de 1743, a construção da Igreja de Nossa Senhora da Esperança⁹, terminada duas décadas depois. O complexo que reúne o antigo recolhimento, hoje colégio com o mesmo nome, assim como a Igreja mencionada, sofreu transformações na disposição interior durante o século XIX, ainda que permaneça atualmente na localização original (Ferreira, 1979). As iconografias existentes datam, pois, de Oitocentos¹⁰ e permitem compreender as semelhanças quanto aos aspetos arquitetónicos deste espaço relativamente aos do Recolhimento do Anjo. A existência de janelas gradeadas, acompanhadas por gelosias, mecanismos que permitiam observar o mundo exterior sem ser visto do lado interior, são aspetos que caracterizam o espaço que as recolhidas do Porto habitaram; estas eram, de resto, características, geralmente, transversais a espaços desta natureza (Araújo, 2018).

Os estatutos da instituição, de 1725, referem que as meninas e mulheres ingressantes deviam ser naturais da cidade do Porto, ou dos seus arrabaldes, ou, caso tal não se verificasse, terem vindo para a urbe com menos de sete anos. Ora, aqui reside uma diferença substancial entre o Recolhimento das Órfãs e o do Anjo. Este último previa a existência de ingressos para mulheres não-naturais da cidade do Porto, alargando, pois, o horizonte do público que albergava. No caso do Recolhimento da Misericórdia, as órfãs, geralmente admitidas entre os 7 e os 14 anos, podiam permanecer na instituição até aos 25 anos¹¹, idade em que legalmente deixavam de usufruir do estatuto mencionado (Machado, 2010).

Também outras diferenças podem ser apontadas. O Recolhimento do Anjo estipulava, de forma clara, nos seus estatutos que as mulheres ingressantes deviam ser de condição nobre, tal como comprova o seu perfil social. No caso do Recolhimento das Órfãs não foram estabelecidos critérios relacionados com a condição social das meninas e mulheres ingressantes, ainda que uma característica de maior, e evidentemente decisiva para o funcionamento da instituição, possa ser apontada. Se, por um lado, o recolhimento foi idealizado para o acolhimento de meninas órfãs, rapidamente se juntaram mulheres porcionistas que, quando analisada a composição do universo social desta instituição, superam o número de órfãs (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Universo feminino do Recolhimento das Órfãs (1731-1800), em percentagem

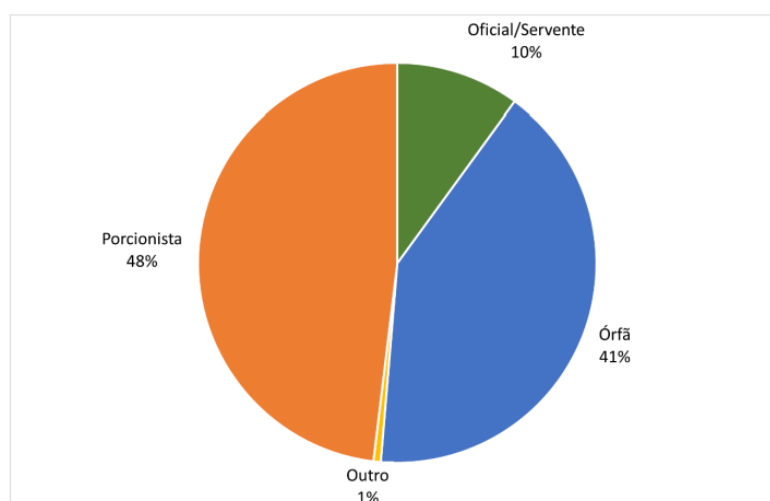
⁹ O debate sobre a autoria desta obra é vasto. Geralmente atribuída a Nicolau Nasoni (1691-1773), alguns autores discordam desta perspetiva pela escassez de documentação que comprove a efetiva autoria do italiano. Por sua vez, outros estudiosos reconhecem traços plásticos de pendor nasoniano, nomeadamente na fachada do edifício.

¹⁰ Veja-se Costa (2024:99).

¹¹ AHSCMP, livro 2767, capítulos 18° e 19°.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3



Fonte: Costa (2024:113).

Entre 1731 e 1800 deram entrada 338 mulheres e um menino no Recolhimento das Órfãs. Das 338, 140 (41%) eram órfãs e 163 (48%) porcionistas. A análise dos registos de entrada de órfãs e porcionistas evidencia que os valores das porções a satisfazer pelas mulheres do último estatuto eram, paulatinamente, ascendentes. Deste modo, coloca-se a hipótese de estas porções serem um dos meios de sobrevivência económico-financeira da instituição, o que explicaria a ocupação progressiva de mulheres porcionistas numa instituição destinada maioritariamente a meninas órfãs¹².

6. O Recolhimento das Órfãs: perfil social das recolhidas

Se no caso do Recolhimento do Anjo foi apenas possível reconhecer a proveniência geográfica das recolhidas de acordo com a residência, o cenário para o Recolhimento da Misericórdia é distinto. A este respeito, conseguimos analisar tanto a residência, quanto a naturalidade das recolhidas, bem como das respetivas relações sociais (pais, avós maternos e paternos (Mapa 2).

Os dados relativos à naturalidade das recolhidas evidenciam o Porto enquanto epicentro da naturalidade destas mulheres, com especial ênfase nas meninas órfãs que nasceram na cidade. Por seu turno, as porcionistas eram provenientes de outros espaços que, embora não

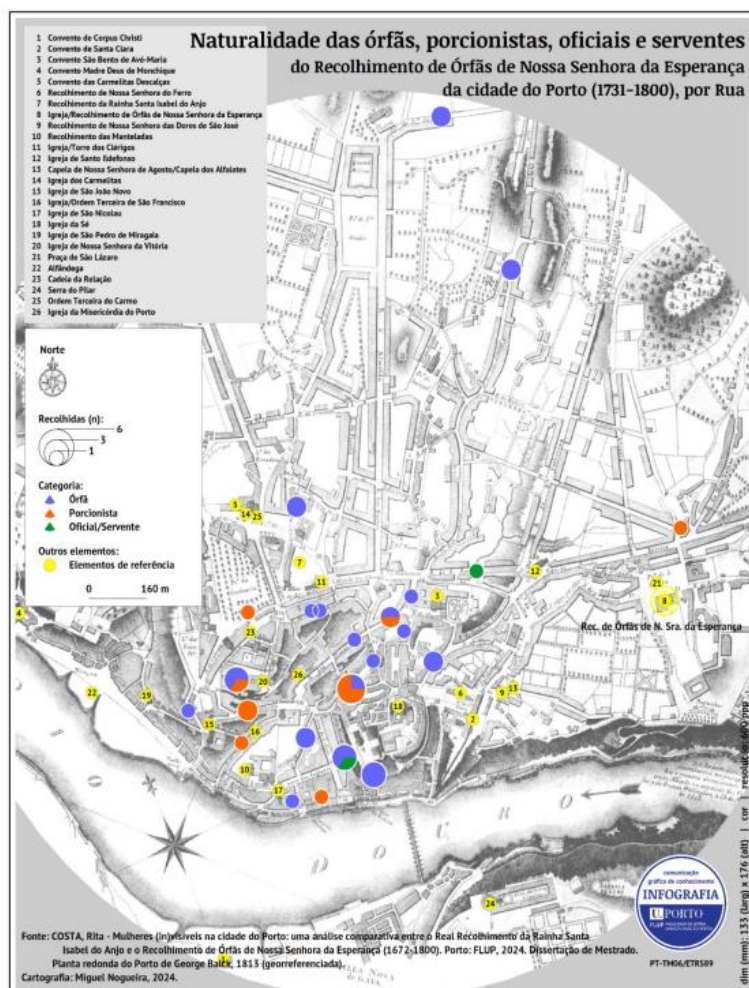
¹² As transformações do Recolhimento das Órfãs devem ser devidamente contextualizadas de acordo com a evolução da instituição que o administrou: a Santa Casa da Misericórdia do Porto. Ainda que esse não tenha sido um dos objetivos que desencadeou o projeto desenvolvido, a hipótese mencionada pode apenas ser comprovada quando confrontada com dados referentes à vida económico-financeira da Misericórdia da cidade.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

fossem distantes, revelam uma dispersão mais ampla de localidades de origem. Regiões como Mesão Frio, Peso da Régua, Vila Nova de Gaia, Aveiro, Celorico de Basto, Guimarães, Paços de Ferreira e Santa Marta de Penaguião são alguns dos locais a destacar. Fomos, ainda, capazes de fazer uma análise *micro*, ao nível da cidade do Porto, como atesta o Mapa 2.

Mapa 2 - Naturalidade das mulheres do Recolhimento da Misericórdia do Porto (1731-1800), por ruas da cidade do Porto



As

intramuros - Sé, São Nicolau e Nossa Senhora da Vitória - revelaram-se locais primordiais de origem de meninas e mulheres da Misericórdia do Porto. Em última instância, são dados que coincidem com os estudos existentes para a evolução demográfica do Porto durante a época moderna (Santos, 1978; Osswald, 2008).

freguesias

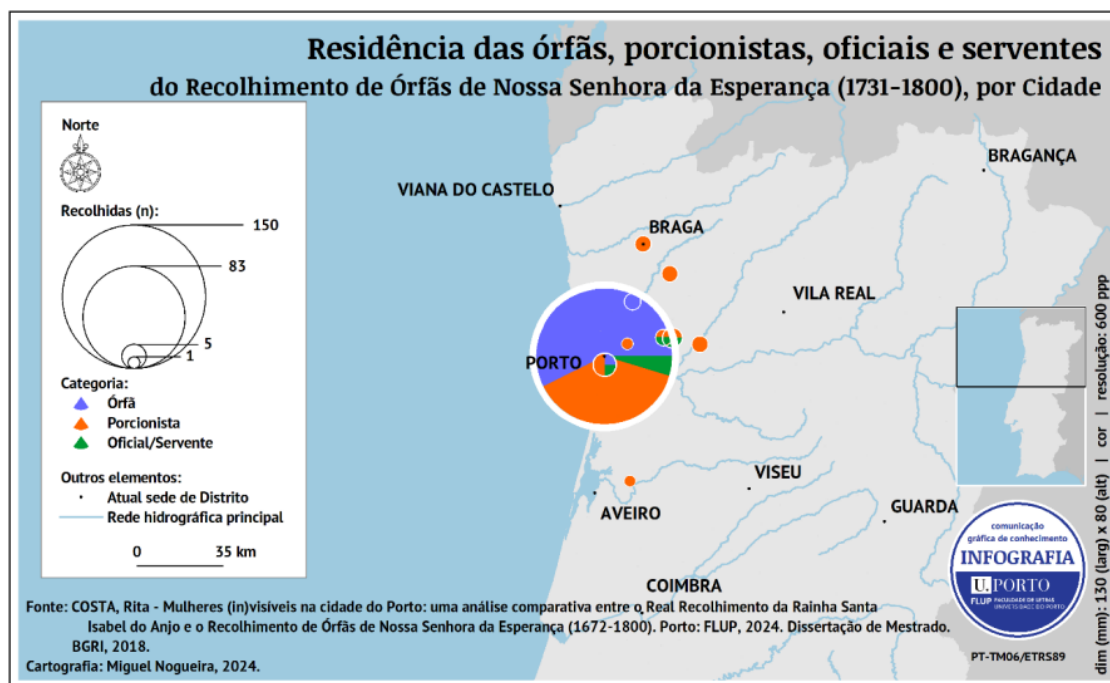
Fonte: Costa (2024: 117).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Ao nível da residência, se o cenário é convergente em alguns sentidos, revela também aspetos dissonantes, como se percebe pelo Mapa 3.

Mapa 3 – Residência das mulheres do Recolhimento da Misericórdia do Porto (1731-1800), por cidade



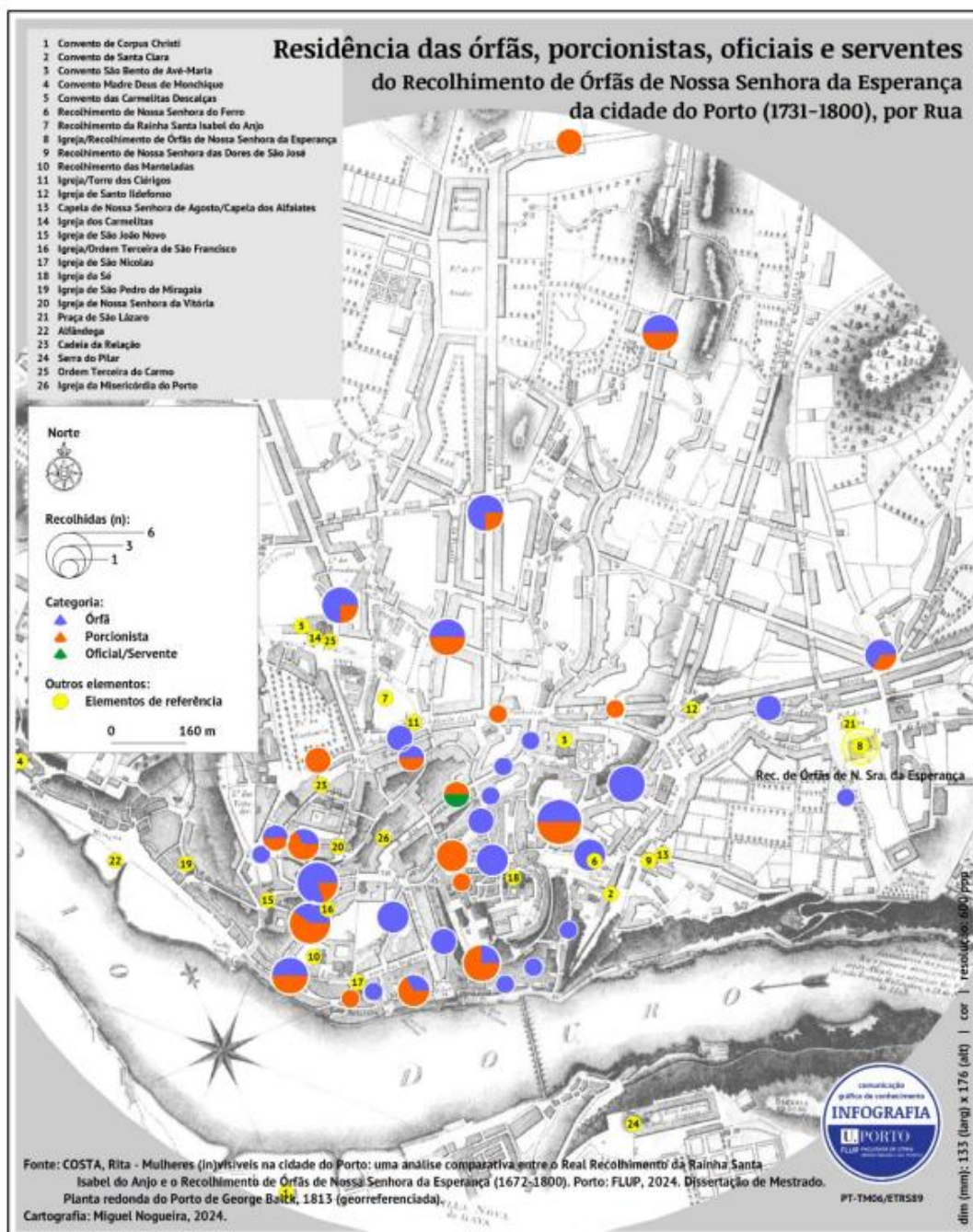
Fonte: Costa (2024: 119).

Novamente, a cidade do Porto foi, sem dúvida, o núcleo central, ainda que se encontrem novamente registos de outras localidades (Braga e Guimarães) providas de recolhimentos para mulheres honradas, como já mencionado. Ao nível da urbe portuense, fomos também capazes de analisar esta variável (Mapa 4).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Mapa 4 – Residência das mulheres do Recolhimento da Misericórdia do Porto (1731-1800), por ruas da cidade do Porto



Fonte: Costa (2024: 125).

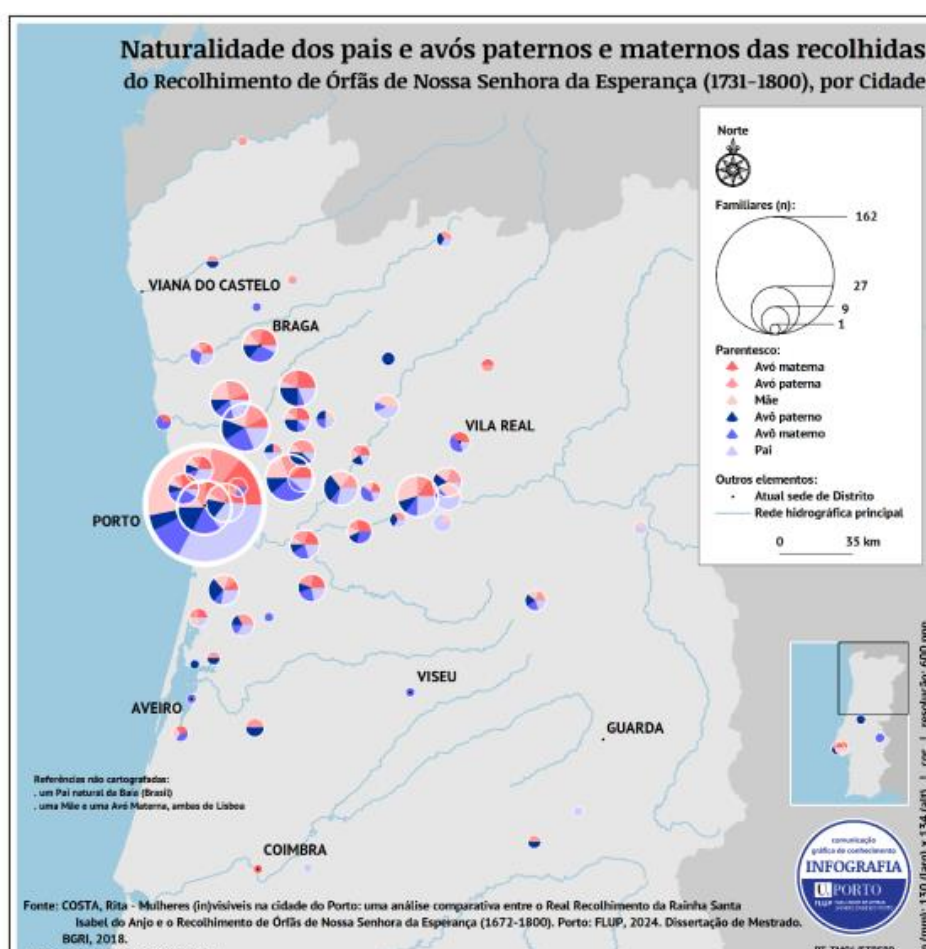
Se as freguesias intramuros da Sé, São Nicolau e Nossa Senhora da Vitória são, novamente, protagonistas, a freguesia extramuros de Santo Ildefonso ganha um progressivo destaque, concentrando também algumas evidências de meninas e mulheres da Misericórdia que residiam neste espaço.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Ao contrário do Recolhimento do Anjo, onde a escassez de dados não permite traçar a proveniência geográfica das suas relações sociais, o contexto é diferente para o Recolhimento das Órfãs. A evidência de migrações geracionais de curta distância afigura-se patente quando a naturalidade dos pais, avós paternos e maternos das recolhidas da instituição é analisada (Mapa 5).

Mapa 5 – Naturalidade das relações sociais das mulheres do Recolhimento da Misericórdia do Porto (1731-1800), por cidade



Fonte: Costa (2024: 127).

Se é verdade que a cidade do Porto é, novamente, nevrálgica, também outros espaços contabilizam parte dos dados a que nos reportamos. Vila Nova de Gaia, Santo Tirso, Paredes, Mesão Frio, Vila Nova de Famalicão, Gondomar, Guimarães, Braga, Marco de Canaveses, Santa Maria da Feira, Matosinhos, Santa Marta de Penaguião e Castelo de Paiva são algumas das regiões que identificamos. A análise ao nível da urbe portuense denunciou, de novo, dados

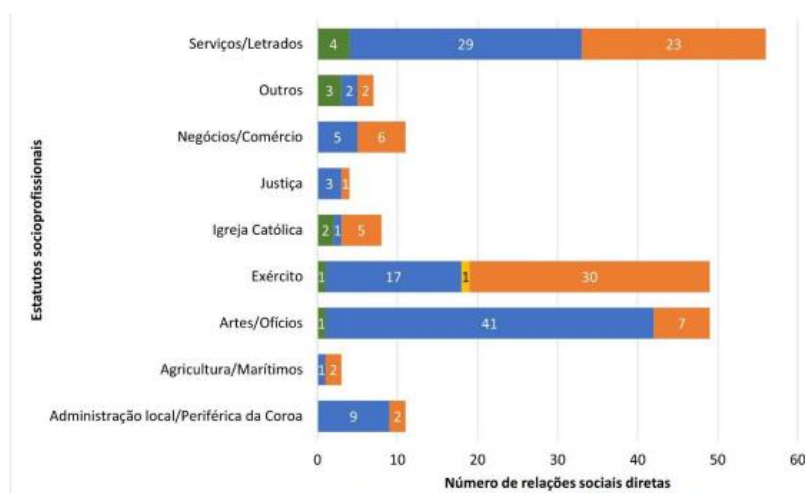
Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

coincidentes com a naturalidade das recolhidas - uma concentração evidente nas freguesias intramuros da cidade. Ao nível da residência, também as informações disponíveis convergem para as considerações tecidas previamente. O Porto, apesar de central, dá lugar a regiões como Penafiel, Castelo de Paiva, Cinfães e Gondomar. De resto, também a análise detida à cidade portuense revela a existência de uma concentração de residência das relações sociais das recolhidas na freguesia da Sé, intramuros, ainda que Santo Ildefonso, extramuros, ultrapasse já Nossa Senhora da Vitória e São Nicolau.

A evidente ligação das meninas e mulheres do Recolhimento de Órfãs a indivíduos que desempenhavam funções nos serviços/letrados (56), no exército (59) e, ainda, nas artes/ofícios (49), denuncia os estratos sociais das quais as mesmas eram provenientes. Estavam, sem dúvida, relacionados com homens que desempenhavam funções no mundo do trabalho manual e da secretaria, distinguindo-se das mulheres provenientes de camadas altas do Recolhimento do Anjo (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Estatuto socioprofissional das relações sociais das mulheres do Recolhimento da Misericórdia (1731-1800), em números absolutos



Fonte: Costa (2024: 212).

Se a análise geral identifica as considerações mencionadas, a análise por estatuto, isto é, averiguar as relações sociais das órfãs em comparação com as das porcionistas da mesma instituição, é sem dúvida uma mais-valia para compreender a mobilidade das fronteiras sociais destes espaços. As ligações entre as meninas e mulheres órfãs com homens que trabalhavam nas artes/ofícios e nos serviços/letrados é notória. Em contraposição, as relações sociais das porcionistas predominavam no exército. Do mesmo modo, também as considerações relativas

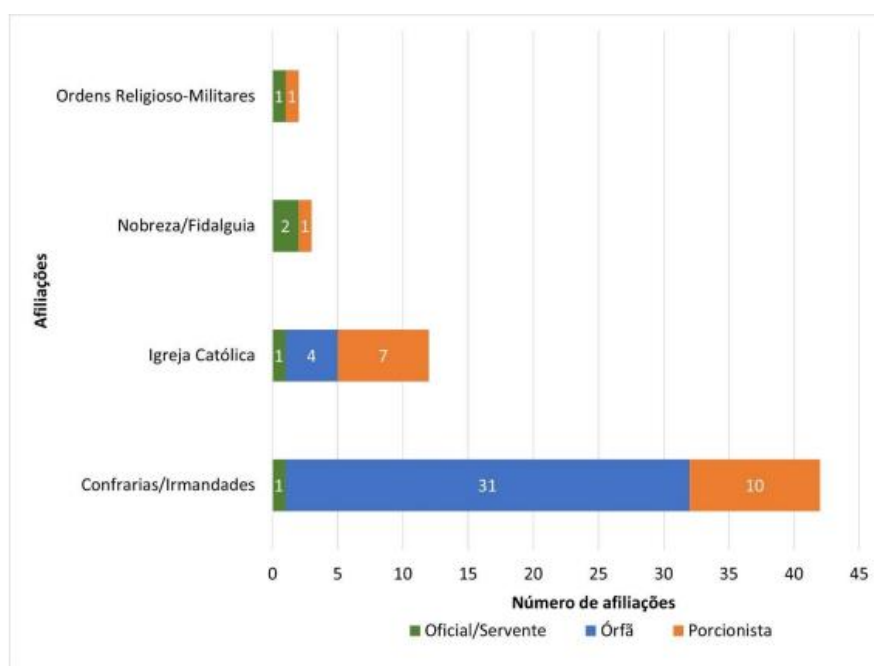
Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

aos fiadores se distinguem, dependendo do estatuto da mulher que estejamos a abordar. Se é verdade que os homens que exerciam estatutos socioprofissionais relacionados aos negócios/comércio e às artes/ofícios emergem, é no primeiro setor que encontramos os fiadores das porcionistas e no segundo os das órfãs.

A mesma análise deve ser tida em conta em relação às afiliações dos indivíduos relacionados com as recolhidas da Misericórdia do Porto (Gráfico 6).

Gráfico 6 – Afiliações das relações sociais das mulheres do Recolhimento da Misericórdia (1731-1800), em números absolutos



Fonte: Costa (2024: 228).

Se, por um lado, as ligações à Santa Casa da Misericórdia do Porto, nomeadamente a irmãos de segunda condição, contribuem para a compreensão do perfil social das órfãs de Nossa Senhora da Esperança, é com ligação à Igreja Católica, nomeadamente a familiares do Santo Ofício, que as porcionistas da mesma instituição se notabilizam.

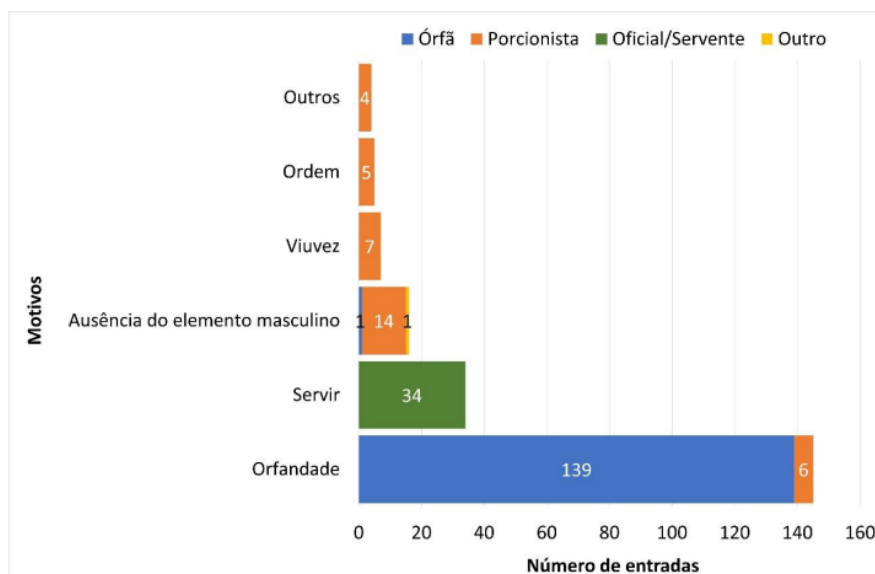
7. O Recolhimento das Órfãs: o destino das recolhidas

Se a orfandade foi o motivo de ingresso com um peso considerável no Recolhimento de Nossa Senhora da Esperança, a ausência do elemento masculino, no caso das porcionistas, esteve também presente (Gráfico 7).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Gráfico 7 – Motivos de entrada das mulheres do Recolhimento da Misericórdia (1731-1800), em números absolutos



Fonte: Costa (2024: 142).

Alguns desses casos merecem especial atenção pela singularidade das vivências. Reportamo-nos à entrada de quatro irmãos - três meninas e um menino - e da respetiva tia, irmã do pai das crianças. Manuel Carneiro de Azevedo, capitão de Granadeiros na Oitava Companhia do Primeiro Regimento de Infantaria da Guarnição do Porto, tinha sido destacado para Espanha, ao serviço da coroa portuguesa, em 1793. Viúvo há dois anos, e tendo em conta a tenra idade dos filhos - D. Maria, com 15 anos, D. Rosa, com 9, D. Ana, com 6 e António, com 4 - apresentou uma petição a Sua Majestade para que os irmãos e a tia das crianças, D. Rosa de Melo, ingressassem no recolhimento. A Mesa da Misericórdia do Porto, depois de receber o aviso régio, prontamente o cumpriu, tendo a família entrado na instituição a 22 de agosto de 1793¹³. O mesmo contexto teve Maria do Vale, porcionista, filha de José Pimenta de Sousa, cabo de esquadra da Oitava Companhia do Primeiro Regimento da cidade do Porto, e de uma meretriz. Destacado, também em 1793, para servir a coroa portuguesa em Espanha, a petição feita à coroa surtiu efeito¹⁴.

Além dos casos expostos evidenciam a dualidade de poderes existentes nos recolhimentos portuenses, demonstram também que a teoria nem sempre correspondia à

¹³ AHSCMP, livro 2798, fls. 36-36v.

¹⁴ AHSCMP, livro 2798, fl. 38.

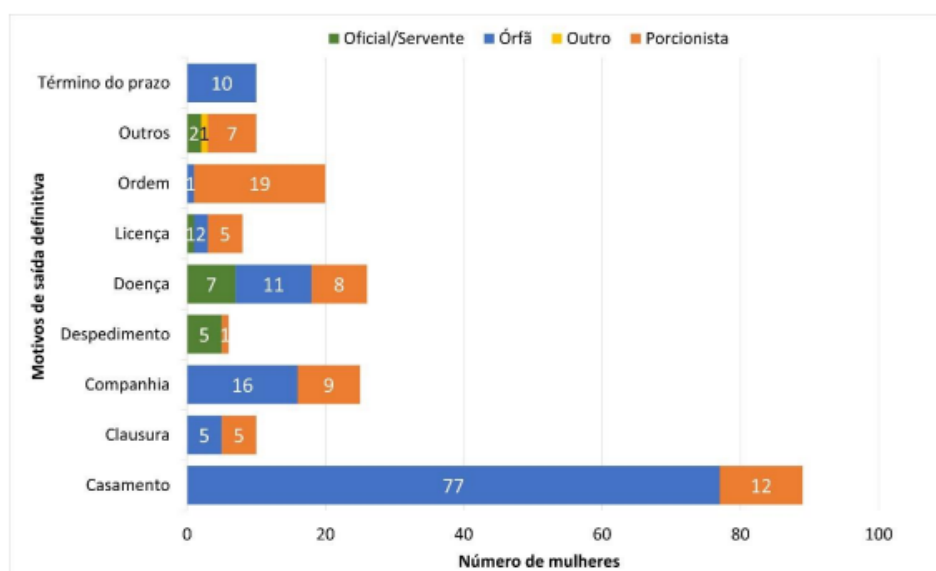
Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

prática. Além de uma evidente transgressão executada no espaço dedicado, única e exclusivamente, a meninas e mulheres, estes dados demonstram as várias facetas dos recolhimentos.

É, sobretudo, nos abandonos destas instituições que se compreendem outros aspetos que coincidem, em certa medida, com o Recolhimento do Anjo e que evidenciam a pertinência da análise comparativa em instituições desta natureza (Gráfico 8).

Gráfico 8 – Motivos de saída das mulheres do Recolhimento da Misericórdia (1731-1800), em números absolutos



Fonte: Costa (2024:165).

Efetivamente, o casamento (89) foi a motivação com maior ênfase na instituição, nomeadamente no que respeita às saídas das órfãs (77). Não obstante, é também a partir de casos numericamente inferiores, como a saída da instituição para ingressar na companhia de outrem (27), ou até mesmo na ordem de abandono emanada por diversos agentes (20), que somos capazes de traçar alguns fragmentos de vidas de mulheres que passaram pelo Recolhimento das Órfãs.

Relativamente ao casamento, apresentamos alguns casos com base no perfil social destas mulheres, partindo dos estatutos socioprofissionais dos indivíduos relacionados com as mesmas. No que respeita às artes/ofícios, registamos vários estatutos socioprofissionais¹⁵, dos

¹⁵ Veja-se Costa (2024, p. 218).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

quais sobressaem os ourives. O cruzamento destes dados com estudos relativos a estes indivíduos no Porto permitiu a reconstituição de retalhos de vida de algumas mulheres que abandonaram a instituição para se casar. Iniciemos estas considerações com um caso particular. Estevão Barbosa de Andrade, oficial de ourives, casou duas vezes com duas mulheres provenientes do Recolhimento das Órfãs. Filho de Manuel Leitão e de Iria Barbosa, nascido em 1729 (Sousa, 2005: 33), casou a primeira vez com Catarina Maria Rosa, órfã do Recolhimento da Misericórdia entre 1 de junho de 1744¹⁶ e 17 de outubro de 1755¹⁷. Todavia, em abril de 1757, Catarina faleceu, depois de se ter tornado, em conjunto com o seu marido, Irmã Terceira de Nossa Senhora do Carmo. Foi sepultada na Igreja dos Padres Carmelitas (Sousa, 2005: 33). A sua segunda esposa, Teresa de Jesus Maria, tinha também ocupado o estatuto de órfã na mesma instituição, onde entrou a 2 de fevereiro de 1746¹⁸. A 15 de janeiro de 1758, abandonou o recolhimento para se casar com o oficial de ourives¹⁹, nascendo o primeiro filho do casal, António, a 15 de setembro de 1758. Dois anos depois, nasceu José, o segundo filho, e, em 1762, Luís. A 29 de abril de 1766 faleceu o seu marido (Sousa, 2005: 33-34).

Josefa Maria, institucionalizada no Recolhimento das Órfãs a 29 de abril de 1778, abandonou o espaço para se casar, com 16 anos, com Manuel José Faria, ourives de prata, a 27 de novembro de 1783²⁰. O noivo era natural de Braga, da freguesia de São Bartolomeu de Tadam. Dois anos após o casamento nasceu a primeira filha do casal, Maria, que veio a óbito um mês depois, tendo sido sepultada na Igreja de São Nicolau. Aparentemente, a tendência manteve-se. Entre 1786 e 1798, o casal concebeu mais oito filhos, dos quais apenas cinco sobreviveram. Manuel José de Faria faleceu em 1803, já viúvo, mas desconhecemos a data de falecimento de Josefa Maria, recolhida que ocupou a nossa atenção (Sousa, 2005: 195-197).

Outros casos de mulheres relacionadas com artífices são também ilustrativos. Josefa Maria de Assunção, ingressante no Recolhimento da Misericórdia a 2 de julho de 1743²¹, era órfã de Manuel Carneiro da Silva, ourives de prata. Os dados presentes na bibliografia disponível apontam, com bastantes reservas, que este homem era o autor do túmulo da rainha

¹⁶ AHSCMP, livro 2794, fl. 37.

¹⁷ AHSCMP, livro 2795, fl. 14v.

¹⁸ AHSCMP, livro 2794, fl. 40.

¹⁹ AHSCMP, livro 2795, fl. 17v.

²⁰ AHSCMP, livro 2799, fl. 31.

²¹ AHSCMP, livro 2794, fl. 35v.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

D. Mafalda de Arouca (Basto, 1964:510). A menina abandonou o recolhimento por sofrer de ataques epiléticos, tendo ingressado na companhia da sua mãe²².

O caso de Margarida Rosa é também elucidativo. Tinha sido institucionalizada a 9 de novembro de 1783, com 9 anos, era filha de Francisco Pereira Campanhã, mestre entalhador. O seu pai foi o executor do retábulo da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora da Vitória, no Porto (Basto, 1964: 91). Era irmã de Damião Pereira de Azevedo, arquiteto e escritor, que acolheu a menina na sua companhia quando a mesma abandonou a instituição, a 14 de fevereiro de 1799, já com 25 anos²³. O seu irmão tinha apresentado, em 1768, o *risco* da sacristia da Igreja do Carmo, no Porto (Bastos, 1939: 300).

Gertrudes Maria de Jesus entrou no Recolhimento das Órfãs a 23 de janeiro de 1789²⁴. Era filha de Damião José de Castro, ourives lavrante de prata, falecido em 1787, e de Rosa Maria de Jesus. Gertrudes foi a única de três filhos - Maria, Manuel e Maria - que sobreviveu aos falecimentos consecutivos dos irmãos entre 1780 e 1782 (Sousa, 2005: 92).

O caso de D. Maria Teresa Luísa é particularmente interessante pelos seus pais, João de Oliveira de Miranda e D. Luísa Margarida de Lima Lobo, terem acordado com a Mesa da Santa Casa portuense que a filha poderia exercer um período experimental no recolhimento. Parece que a clausura não agradou à porcionista, pelo que a mesma abandonou o espaço apenas um mês após a sua entrada²⁵.

Por último, dois casos de mulheres conectadas com fiadores que merecem atenção pelas dúvidas que suscitam. Maria da Soledade, porcionista, ingressou no Recolhimento das Órfãs a 5 de agosto de 1778, filha de João Bernardino de Sena, pintor. O seu registo de entrada indica que o seu fiador era Arnaldo Van Zeller²⁶. Uma pesquisa superficial nos arquivos portuenses revelou a existência de uma linhagem desta família relacionada com o comércio do vinho na cidade do Porto, desde o século XVII (Miranda, 2024). No entanto, as datas de ingresso da recolhida não coincidem com o conhecimento de um indivíduo do mesmo nome nascido em 1784 e falecido em 1860. Este facto levanta uma série de questões. Seria Arnaldo Van Zeller pertencente à família mencionada? Em caso afirmativo, quais as razões para se assumir fiador da porcionista? Seria próximo ao núcleo familiar da mulher? Além disso, o seu estatuto

²² AHSCMP, livro 2795, fls. 10-10v.

²³ AHSCMP, livro 2799, fl. 35v.

²⁴ AHSCMP, livro 2799, fl. 42v.

²⁵ AHSCMP, livro 2795, fl. 5.

²⁶ AHSCMP, livro 2798, fl. 27.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

socioprofissional não é mencionado. Seria o indivíduo tão conhecido na cidade que dispensava a menção a esta categoria?

Maria Benedita ingressou nesta instituição a 12 de agosto de 1799. Órfã de José de António de Araújo e de Isabel Joaquina, que assistia na casa do *Ilustríssimo* António Lopo de Sande²⁷. A menina abandonou a instituição apenas em 1810, com 21 anos, ficando ao cuidado de D. Maria Preciosa, viúva do indivíduo mencionado²⁸. A conexão dos pais desta menina e da mesma ao casal ainda se encontra por apurar.

Se muitas meninas e mulheres do Recolhimento da Misericórdia do Porto saíram para casar ou para ingressar na companhia de outrem, outras ausentaram-se por ordem de vários agentes. Foi o caso de Inácia Teresa de Jesus, porcionista, que tinha ingressado no espaço em 1731²⁹ e o abandonou um ano após a sua entrada, por ordem do marido, que se encontrava no Brasil³⁰. Na verdade, o caso de D. Maria Eufrásia é exemplificativo da cooperação entre a Mesa da Misericórdia portuense e o poder régio. Filha ilegítima de António Bernardo Alves de Brito, escrivão da Santa Casa, entre 1766 e 1779 e, posteriormente, entre 1792 e 1798 (Amorim, 2018: 500-501), a mulher tinha sido ordenada a abandonar o recolhimento após o provedor e os irmãos da Mesa terem solicitado a sua expulsão a Sua Majestade. As desobediências da porcionista, assim como os castigos que o pai desejava ver empregues pelo recolhimento, divergiam da conduta da irmandade portuense³¹, pelo que, temendo a reputação da instituição, D. Maria Eufrásia acabou por ser expulsa a 4 de abril de 1781³². Também por ordem régia tinha sido D. Ana Joaquina de Santa Escolástica retirada deste recolhimento. Encontrava-se no espaço desde 1789, uma vez que o seu marido estava ausente no Rio de Janeiro. A porcionista chegou, efetivamente, a abandonar o Recolhimento da Misericórdia a 9 de setembro de 1793³³, sendo a intenção ingressar no Recolhimento do Anjo. Porém, não existe qualquer registo da sua entrada na instituição.

A par do cenário traçado para o Recolhimento do Anjo, também órfãs e porcionistas abandonaram o espaço para ingressar em espaços de clausura, nomeadamente em conventos. Com uma maior ênfase a Norte de Portugal, salientam-se as regiões do Porto, com a menção

²⁷ AHSCMP, livro 2799, fl. 51v.

²⁸ AHSCMP, livro 2799, fl. 51v.

²⁹ AHSCMP, livro 2796, fls. 2v-3.

³⁰ AHSCMP, livro 2797, fl. 2.

³¹ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (doravante ANTT), *Ministério do Reino*, mc. 883, proc. 58.

³² AHSCMP, livro 2797, fl. 29v.

³³ AHSCMP, livro 2798, fl. 34.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

ao Convento das Carmelitas; Vila do Conde, com o Mosteiro de Vairão; Caminha, com o Convento de Santa Clara; Guimarães, com o Convento das Capuchas e até Lisboa, com o Convento de São Salvador. Não deixa, no entanto, de ser elucidativo algumas mulheres institucionalizadas no Recolhimento das Órfãs terem abandonado o espaço para ingressar no Recolhimento do Anjo, ou casos ainda mais particulares, como o de Ana Claudina Rosa, órfã de Luís Pinto Rosa, que ingressou no Recolhimento do Anjo em 1773 (Jesus, 2006: 56). Com 13 anos, entrou no Recolhimento da Misericórdia, a 9 de julho de 1773³⁴, passando a porcionista na mesma instituição em 1786³⁵ e reingressando no Anjo a 8 de agosto de 1793 (Jesus, 2006: 56), vinte anos após a sua primeira entrada.

Além disso, também existiram mulheres que solidificaram carreiras na estrutura governativa do Recolhimento das Órfãs. Claudiana Maria do Espírito Santo ingressou como porcionista no Recolhimento da Misericórdia do Porto em 1734³⁶, passando, meses depois, a mestra da instituição, em 1735³⁷. Rosa Caetana da Encarnação é outro exemplo - ingressou enquanto porcionista, em 1739³⁸, passando a mestra em 1746³⁹. Caso semelhante é o de D. Ana Maria Joaquina, porcionista em 1776⁴⁰ e mestra em 1799⁴¹. Eufrásia Maria de Jesus ingressou em 1733 enquanto órfã⁴² e tornou-se vice-regente em 1745⁴³. Um percurso semelhante teve Ana de Jesus Teles e Meneses, órfã em 1733 e vice-mestra da instituição em 1745⁴⁴. D. Josefa Margarida de Sousa e Meneses, porcionista em 1745⁴⁵, tornou-se regente após o falecimento de D. Mariana Rosa Josefa de Jesus, em 1762⁴⁶.

Considerações finais

As considerações exploradas no presente artigo revelam a aplicabilidade do conceito de *fronteira*, nomeadamente na sua vertente social, à História das Mulheres e do Género em

³⁴ AHSCMP, livro 2794, 74v.

³⁵ AHSCMP, livro 2798, fl. 32v.

³⁶ AHSCMP, livro 2796, fls. 7v-8.

³⁷ AHSCMP, livro 2794, fl. 23v.

³⁸ AHSCMP, livro 2796, fls. 15-15v.

³⁹ AHSCMP, livro 2794, fl. 54.

⁴⁰ AHSCMP, livro 2798, fl. 28.

⁴¹ AHSCMP, livro 2799, fl. 52.

⁴² AHSCMP, livro 2794, fls. 14v-15.

⁴³ AHSCMP, livro 2794, fl. 38.

⁴⁴ AHSCMP, livro 2794, fl. 73.

⁴⁵ AHSCMP, livro 2796, fl. 22v.

⁴⁶ AHSCMP, livro 2794, fl. 56.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

Portugal. Não objetivamos debater teoricamente o conceito referido, mas demonstrar a forma como a sua presença na vida de mulheres recolhidas foi transversal e constante.

Os resultados revelam as várias facetas dos recolhimentos femininos, nomeadamente a Norte de Portugal. Primeiramente, o facto de terem sido, para algumas mulheres, espaços de transição. Materializaram a fronteira social entre o século e a clausura, entre a vida mundana e o quotidiano recatado do espaço devoto à preservação d honra social. Esta é a fronteira mais evidente que instituições desta natureza revelam. No entanto, para outras mulheres, os recolhimentos assumiram-se como verdadeiros espaços de permanência, com fronteiras e mobilidades permeáveis entre recolhimentos e conventos. Desde a paulatina consolidação de carreiras no corpo de oficiais destas instituições ao ingresso de mulheres em conventos, os recolhimentos foram ascensores sociais, tanto nas camadas médias, como foi o caso do Recolhimento das Órfãs, instituição de acolhimento de mulheres relacionadas com os irmãos de segunda condição da Santa Casa portuense, como nos estratos médios-altos, como foi o caso do Recolhimento do Anjo, com evidentes ligações à nobreza e à fidalguia portuguesas.

Na verdade, pelos dados apresentados, consideramos que a fronteira, aparentemente estanque estabelecida nos estatutos, nomeadamente ao nível das idades de ingresso e das condições sociais de que as mulheres deveriam ser portadoras, foi, pois, flexível. Permitiu a determinadas mulheres a deslocação entre os objetos de estudo, assim como a sua mobilidade noutros recolhimentos, onde chegaram mesmo a assumir funções relacionadas ao governo da casa. A experiência que tinham adquirido com a vivência quotidiana nestes espaços permitia que algumas supervisionassem o funcionamento de uma determinada instituição.

O ingresso de muitas outras mulheres em conventos revela também uma outra nuance dos recolhimentos - eram espaços que atestavam a pureza social das mulheres, separando-as daquelas que, por nunca terem passado por um espaço de natureza semelhante, corriam um risco mais elevado de corromper a sua honra e a do seu núcleo familiar. Se o conceito de fronteira, à partida, se refere a alguma circunstância separada de outra, acreditamos que o mesmo se pode aplicar desta forma aos recolhimentos, ainda que a sua dimensão de mobilidade e permeabilidade nas dinâmicas das recolhidas deva também ser colocada em evidência. No caso dos recolhimentos, é um conceito polissémico quando se aborda a cidade do Porto, espaço portuário. Recordemos, por isso, que estas cidades apresentavam circunstâncias específicas, problemas de natureza social, sobretudo no que respeita às mulheres e às condições em que se encontravam pela ausência do elemento masculino. Era a materialização da exclusão social feminina que, sem uma figura masculina protetora, se encontrava num elevado risco de perda

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

de honra social. Salienta-se ainda o facto de os recolhimentos responderem a problemas sociais locais, ainda que esta circunstância não invalide a permeabilidade e a transposição fronteiriça que aqui evidenciamos.

A interpretação das mulheres enquanto seres sociais ativos na História originou a aplicação de uma metodologia comparativa que permitiu deslindar retalhos de vida femininos. Não só o estudo destas recolhidas é pertinente cientificamente, como em muito acrescenta às considerações existentes acerca da História local da cidade do Porto. O cruzamento de variáveis de análise amplamente estudadas, como os estatutos socioprofissionais dos homens, foi essencial para construir o perfil social das recolhidas, mas revelou uma questão metodológica que, além de significativa, é já conhecida desde o século XX. A escassez de fontes de informação diretas, produzidas por mulheres. Apesar de os registos de entrada e saída de recolhidas do Anjo serem executados por escritvãs, os assentos da mesma natureza, no caso do Recolhimento das Órfãs, foram produzidos pelos escritvães do recolhimento. São características das fontes de informação que levantam questões, mas que, acima de tudo, permitem a reconstituição de retalhos, fragmentos e pequenas partes das vidas de algumas das mulheres que habitaram o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento da Misericórdia do Porto.

Fontes

Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia do Porto (AHSCMP), *Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança*

- *Recolhimento das Órfãs Entradas de Meninas Oficiais e Serventes* (Maio 1731 a 1783 Março), livro 2794 (PT AHSCMP SCMP-RONSE-0001).
- *Livro I das Sahidas [d]as Orphas Officia[e]s e Serventes do do (sic) Recolhimento*, livro 2795 (PT AHSCMP SCMP-RONSE-0004).
- *Recolhimento Porcionistas Que Entrão Junho 1731 a 1781 Maio*, livro 2796 (PT AHSCMP SCMP-RONSE-0002).
- *Recolhimento Porcionistas Que Sahem Janeiro 1732 a 1782 Agosto*, livro 2797 (PT AHSCMP SCMP-RONSE-0003).
- *Estatutos para o Recolhimento das Orfaãs de São Lazaro da Administraçam da Santa Caza da Misericordia da Cidade do Porto*, livro 2767 (PT AHSCMP SCMP-M-022-0001).

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

- *Recolhimento Orfas Porcionistas que Entrão 1731 a 1865*, livro 2798 (PT AHSCMP SCMP-M-0019).

- *Registos de Aceitação de Órfãs, Oficiais e Serventes no Recolhimento de São Lázaro 1731 a 1862*, livro 2799 (PT AHSCMP SCMP-M-0018).

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT), *Ministério do Reino*

- Requerimento do Provedor e Irmãos da Misericórdia da cidade do Porto, solicitando a expulsão do Recolhimento das Meninas Órfãs de D. Maria Eufrásia, mç. 883, proc. 58 Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP), *Reservados*.

- Livro dos Estatutos, dos termos de aprovação régia e das admoestações do administrador, 1677-1688, manuscrito 781.

Bibliografia

ALMEIDA, Suely Creusa Cordeiro de (2012), “Entre a proteção e abandono: recolhimentos femininos na cidade de Lisboa no Período Moderno” in Suely de Almeida, Marília Ribeiro e Gian Silva (eds.), *Cultura e Sociabilidades no Mundo Atlântico*, Recife, Universidade Federal de Pernambuco, pp. 287-303.

AMORIM, Inês (2018), “Anexos” in Maria Marta Lobo de Araújo, Helena Osswald (dirs.), Inês Amorim (coord.), *Sob o Manto da Misericórdia: contributos para a História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Vol. II, Coimbra, Almedina, pp. 500-501.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2007), “Os recolhimentos femininos na Braga Moderna” in Laurinda Abreu (ed.), *Asistencia y Caridad como Estrategias de Intervención Social: Iglesia, Estado y Comunidad (s. XV-XX)*, Bilbao, Universidad del País Vasco, pp. 293-314, [Consulta a 24/03/2024]. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8776?mode=full>

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2009), “En busca de la honra perdida: la “regeneración” de mujeres en Braga (siglos XVIII-XIX)” in Laureano M. Rubio Pérez (ed.), *Pobreza, marginación y assistência en la Península Ibérica (siglos XVI-XIX)*. León, Universidad de León, pp. 137-168, [Consulta a 11/05/2023]. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/82331>

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 n.º 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (2018), “O silêncio nas margens: vidas femininas em instituições de clausura na Braga Moderna” in Maria Marta Lobo de Araújo e Alfredo Martín Garcia (eds.), *Os marginais*. Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, pp. 127-145, [Consulta a 12/05/2023]. Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/82213/1/O%20sil%e3%aaancio%20das%20margens.pdf>

BASTO, Artur de Magalhães (1943), “O Recolhimento do Ferro”, *Boletim Cultural*, vol. 4, n.º 3-4, pp. 272-308, [Consulta a 18/06/2024]. Disponível em https://arquivodigital.cm-porto.pt/Conteudos/Conteudos_BPMP/P-B-2035/P-B-2035_PDF/BPMP_P-B-2035_V6F3-4_Set-Dez1943.pdf

BASTO, Artur de Magalhães (1964), *Apontamentos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam no Porto do séc. XV ao XVIII*, Porto, Câmara Municipal do Porto.

BASTO, Artur de Magalhães (1995-1999), *História da Santa Casa da Misericórdia do Porto*, Porto, Santa Casa da Misericórdia do Porto.

BASTOS, Carlos (1939), *Nova monografia do Porto*, Porto, Companhia Portuguesa Editora.

BEAUVOIR, Simone de (1949), *Le Deuxième Sexe*, Paris, Gallimard.

CARASA, Pedro (2010), “Límites de la historia social clásica de la pobreza y la asistencia en España”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, n.º 10, pp. 569-591.

CARASA, Pedro (2017), “La asistencia social privada en la España Moderna y Contemporánea”, *Estudios de Historia de España*, vol. 19, n.º 2, pp. 193-220.

COATES, Timothy (1998), *Degredados e órfãs: colonização dirigida pela coroa no império português: 1550-1755*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

COSTA, Rita Alexandra Ferreira (2024), *Mulheres (in)visíveis na cidade do Porto: uma análise comparativa entre o Real Recolhimento da Rainha Santa Isabel do Anjo e o Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança (1672-1800)*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

CRAMPE-CASNABET, Michèle (1991), “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII” in Georges Duby e Michelle Perrot (eds.), *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*, Porto, Afrontamento, pp. 349-407.

FARGE, Arlette (1990), “Família, honra e segredo” in Philippe Ariès e Georges Duby (eds.), *História da vida privada: do Renascimento ao Século das Luzes*, Porto, Afrontamento, pp. 581-617.

FERNANDES, Paula Sofia Costa (2022), “Alimentando o corpo e o espírito no recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Penafiel nos séculos XVIII e XIX” in Maria Marta Lobo de Araújo (ed.), *Os recolhimentos femininos no Mundo Ibérico (séculos XVI-XIX)*, Braga, Lab2PT, pp. 128-149.

FERREIRA, J. A. (1979), *O Recolhimento de Órfãs de Nossa Senhora da Esperança (fundado na cidade do Porto no séc. XVIII)*, Porto, Câmara Municipal do Porto.

FONSECA, Maria Adília Bento Fernandes da (2013), *O Recolhimento de Santo António do Sacramento de Torre de Moncorvo (1661-1814): clausura e destinos femininos*, Tese de Doutoramento, Braga, Universidade do Minho.

FOUCAULT, Michel (1994), *História da Sexualidade*, Lisboa, Relógio d'Água.

GANDELMAN, Luciana (2005), *Mulheres para um império: órfãs e caridade nos recolhimentos femininos da Santa Casa da Misericórdia (Salvador, Rio de Janeiro e Porto - séc. XVIII)*, Tese de Doutoramento, São Paulo, Universidade Estadual de Campinas.

GRIECO, Sara F. Matthews (1993), “O corpo, a aparência e sexualidade” in Georges Duby e Michelle Perrot (eds.), *História das mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna*, Porto, Afrontamento, pp. 70-119.

HESPANHA, António Manuel (1995), “O estatuto jurídico na época da expansão” in *Actas do Congresso Internacional: O Rosto Feminino da Expansão Portuguesa*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, pp. 53-64.

JESUS, Elisabete (2005), “As Manteladas: um espaço feminino de religiosidade dos Terceiros Franciscanos do Porto” in *Em torno dos espaços religiosos - monásticos e eclesiásticos: actas*

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

do Colóquio de Homenagem a Frei Geraldo Coelho Dias, Porto, Instituto de História Moderna - Universidade do Porto, pp. 135-154.

JESUS, Elisabete (2006), *Poder, caridade e honra: o Recolhimento do Anjo do Porto (1672-1800)*, Dissertação de Mestrado, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

JESUS, Elisabete (2022), “As Recolhidas do Anjo: a integração numa comunidade redentora?”, *História – Revista da FLUP*, vol. 12, n.º 1, pp. 63-84, [Consulta a 16/10/2023]. Disponível em <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/11471>

LEÃO, Indira (2020), *Entre transgressão e moralidade: Mulheres na Inquisição de Lisboa no Portugal Moderno (Século XVII)*, Dissertação de Mestrado, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

LIBERATO, Marco (2004), “Trento, a Mulher e Controlo Social: o Recolhimento de S. Manços” in Laurinda Abreu (ed.), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica*, Lisboa, Colibri, pp. 275-289.

LOPES, Maria Antónia (1989), *Mulheres, espaço e sociabilidade: a transformação dos papéis femininos em Portugal à luz de fontes literárias: segunda metade do século XVIII*, Lisboa, Livros Horizonte.

LOPES, Maria Antónia (2005), “Repressão de comportamentos femininos numa comunidade de mulheres - uma luta perdida no Recolhimento da Misericórdia de Coimbra (1702-1743)”, *Revista Portuguesa de História*, nº 35, pp. 189-229, [Consulta a 03/12/2023]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/12745>

LOPES, Maria Antónia (2010), *Proteção social em Portugal na Idade Moderna. Guia de estudo e investigação*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

LOPES, Maria Antónia (2017), “Estereótipos de "a mulher" em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro)” in Maria Antonietta Rossi (ed.), *Donne, Cultura e Società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI-XXI)*, Viterbo, Sette Città, pp. 27-44, [Consulta a 28/04/2023]. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/43352>

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

LOPES, Maria Antónia (2023), “Do outro lado da festa: a inflexível piedade barroca num recolhimento de Coimbra (Recolhimento do Paço do Conde durante o século XVIII)” in *Atas do IV Congresso Internacional do Barroco Ibero-Americano*, Ouro Preto, C/Arte, pp. 1062-1074, [Consulta a 29/02/2023]. Disponível em <https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/24029>

MACHADO, Maria de Fátima (2010), *Os órfãos e os enjeitados da cidade e do termo do Porto (1500-1580)*, Tese de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

MAGALHÃES, António (2011), “Um refúgio de «Mulheres nobres principaes»? O Recolhimento de S. Tiago na Viana do Castelo do século XIX” in Carlota Santos (ed.), *Família, Espaço e Património*, Porto, CITCEM, pp. 223-234.

MARINAS, Maria Isabel Viforcós (1993), “Los recogimientos, de centros de integración social a cárceles privadas: Santa Marta de Quito”, *Anuario de Estudios Americanos*, vol. 50, n.º 2, pp. 59-92.

MURIEL, Josefina (1974), *Los recogimientos de mujeres – respuesta a una problemática social novohispana*, México, Universidad Nacional Autónoma de México.

OSSWALD, Helena (2008), *Nascer, viver e morrer no Porto de Seiscentos*, Tese de Doutoramento, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

OSSWALD, Helena (2015), “Em torno da História da família” in Otília Fernandes Monteiro, Carla Maia (eds.), *A família portuguesa no século XXI*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 13-28.

PAIVA, José Pedro (2004), “O episcopado e a “assistência” em Portugal na Época Moderna (séculos XVI-XVII)” in Laurinda Abreu (ed), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica*, Lisboa, Colibri, pp. 279-333.

PAIVA, José Pedro (2014), “A recepção e aplicação do Concílio de Trento em Portugal: novos problemas, novas perspectivas” in José Pedro Paiva, António Gouveia, David Sampaio (eds.), *O Concílio de Trento em Portugal e nas suas conquistas: olhares novos*, Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, pp. 13-40.

PÉREZ BALTASAR, Maria Dolores (1985), “Orígenes de los recogimientos de mujeres”, *Cuadernos de Historia Moderna y Contemporánea*, vol. VI, pp. 13-23.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

PERROT, Michelle (1984), *Une histoire des femmes est-elle possible?*, Marseille, Rivages.

PERROT, Michelle (1998), *Les femmes ou les silences de l'histoire*, Paris, Flammarion.

REIS, Maria de Fátima Dias (2004), “Poder régio e tutela episcopal nas instituições de assistência da época moderna: os Recolhimentos de Lisboa” in Laurinda Abreu (ed.), *Igreja, Caridade e Assistência na Península Ibérica*, Lisboa, Colibri, pp. 263-274.

RICE, Robin Ann (2019), “Recogimientos femeninos en la Nueva España y su papel como cárceles para mujeres marginadas”, *Edad de Oro: Revista de Filología hispánica*, n.º 38, pp. 235-248.

SÁ, Isabel dos Guimarães (2000), “Pobreza”, in Carlos Azevedo Moreira dir.), *Dicionário de História Religiosa (J-P)*, Lisboa, Círculo de Leitores, pp. 456-461

SANTOS, Cândido dos (1978), “A população do Porto de 1700 a 1820: contribuição para o estudo da demografia urbana”, *História – Revista da FLUP*, vol.1, pp. 281-349, [Consulta a 18/04/2023]. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/9417>

SCOTT, Joan (1988), *Gender and the politics of history*, New York, Columbia University Press.

SIXTO BARCIA, Ana Maria (2013), “Lugares de asistencia y recogimiento: las casas huérfanas y su irrupcion en el entramado urbano compostelano moderno” in José Manuel Aldea Celada, Carmen López San Segundo, Paula Ortega Martínez (eds.), *Los lugares de la Historia*, Salamanca, Asociación de Jóvens Historiadores, pp. 281-302.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e (2005), *Dicionário de ourives e lavrantes da prata do Porto: 1750-1825*, Porto, Civilização.

TILLY, Louise (1994), "Género, História das Mulheres e História Social", *Cadernos Pagu*, n.º 3, pp. 29-62, [Consulta em 08/11/2023]. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722/1706>

TORREMOCHA, Margarita; RUIZ, Carlos (2013), “Asistencia social y cofradías en el antiguo régimen: historiografía, líneas de investigación y perspectivas”, *Chronica Nova*, n.º 39, pp. 19-46.

Rita Ferreira Costa – *Retalhos de vidas femininas - mobilidades e fronteiras entre o Recolhimento do Anjo e o Recolhimento das Órfãs do Porto (1672-1800)*. História. Revista da FLUP. Porto. IV Série. Vol. 15 nº 1 2025. 41-76.

DOI: https://doi.org/10.21747/0871164X/hist15_1a3

VAQUINHAS, Irene (2019), “História das mulheres e de género em Portugal: horizontes temáticos e desafios atuais”, *Faces de Eva: Estudos sobre a Mulher*, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa, pp. 37-55.